



UM ESTUDO DECOLONIAL: A VIDA E OBRA DE MADAME CJ WALKER

Rafaela Lima De Souza ¹
Halberys Morais De Holanda ²
Janaina Guimarães Da Fonseca e Silva ³

INTRODUÇÃO

A série a ser analisada, é uma produção do ano de 2020, pertencente a plataforma de streaming Netflix, e conta a história da primeira mulher a se tornar milionário nos EUA, Sarah Breedlove. A série retrata os altos e baixos da história de Sarah que precisou enfrentar diversos obstáculos para conseguir realizar seus objetivos. E traz consigo, diversas questões para debate sobre o período no qual a história se passa, entre os séculos XIX e XX. A priori, podemos falar sobre a condição do povo negro no pós-abolição, que buscavam ter uma vida comum, serem aceitos e viverem livremente, entretanto, homens e mulheres negras encontraram bastante dificuldade para firmar seu lugar na sociedade e no mercado de trabalho, e desse modo os trabalhos que foram destinados a eles eram dificilmente pertencentes a áreas que não estivessem relacionadas a trabalhos no campo, ou ao cuidado com a casa. Na série, Sarah trabalha lavando roupa de diversas famílias para conseguir sustentar a si e a sua filha.

Outro ponto que a produção levanta, esta relacionado ao colorismo, a Madame Cj tenta fazer uma parceria com sua amiga Addie, contudo, é rejeitada por não possuir o “tipo certo”, tendo em vista que Addie possui pele mais clara e cabelos ondulados, isto é, mais próxima do padrão branco. “O racismo na vida das mulheres negras tende a determinar quais espaços elas podem compor, a tonalidade da pele segrega e acarreta privilégios, dentro da sociedade” (CONCEIÇÃO *et al*, 2019, p.7).

A série também nos fornece conteúdo para debater sobre o lugar que a mulher negra ocupava entre os séculos XX e XIX. Quando o negócio de Sarah começa a dar certo, ela tenta investir em uma empresa, e para isso convida investidores para uma

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco - UPE, Rafaelalimadsouza@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Pernambuco - UPE, Halberys.123@gmail.com;

³ Prof.ª Dra. Universidade de Pernambuco, Guimaraes.janaina@gmail.com



reunião, que ao notarem que não é o esposo de Sarah que esta a frente do negócio desistem de investir, pois Sarah é mulher, logo é vista como incapaz de chefiar uma empresa. Em outro momento, Sara é convidada por um dos investidores para uma segunda reunião, contudo, sofre uma tentativa de estupro, nesse momento o seu corpo é um objeto, algo de fácil acesso que pode ser tomado não importa o custo.

Mais adiante em um evento destinado apenas a homens, Madame Cj decide comparecer para tentar conseguir investidores, subindo no palco da conferência de um dos grandes representantes do homem negro na época, Booker.T Washington e realizando um discurso sobre a importância de seu empreendimento para o povo negro, o palestrante a chama para uma conversa nos bastidores e Sara é novamente tratada como inferior por ser uma mulher, e não pertencer ao ambiente dos negócios, determinado como propriamente masculino.

A produção nos trás aspectos bastante importantes que podem se usados e debatidos em sala de aula, e nos fornece ganchos para trabalhar diversas temáticas em sala como o pós-abolição, racismo, machismo e história da mulher negra. A série pode ser trabalhada nas salas de aula do ensino médio, e professoras e professores podem por meio de fragmentos desta, exercitar o imaginário do aluno para que ele interprete as cenas e os diálogos juntamente com seus colegas. Nesse momento o educador ou educadora será o mediador, orientando e observando o debate. Fazendo com que o alunado exercite seu senso crítico, e construa uma imagem do momento histórico abordado.

O modelo tradicional tem se caracterizado pela transmissão de conhecimentos apresentados ao aluno como verdades inquestionáveis e pela hierarquização expressa tanto na valorização/desvalorização das diferentes disciplinas, quanto na desvalorização do saber do aluno e da sua realidade. Além disso, promove uma visão limitada do conhecimento favorecendo a formação de mentes acríticas e passivas [...](CRUZ, 2001, p.69)

Desse modo, a análise da série tem como objetivo relacionar a história e as diversas questões levantadas na série e leva-las para a sala de aula, e dessa maneira, debater com os alunos sobre história da mulher negra, machismo, o período pós-abolição. Por fim, a produção intitulada de “A vida e a história de madame Cj Walker” além de nos fornecer conteúdo para debates em sala de aula sobre temáticas já citadas anteriormente, também representa uma história de emponderamento não só da mulher



negra mas do povo negro, pois Sarah lutou não só por ela e suas companheiras mas também pelo espaço, liberdade e crescimento de seu povo.

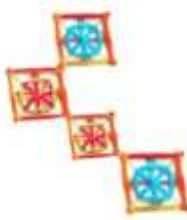
É assim, pois, que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornaram. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder no mundo, e a palavra é *nkali*. É um substantivo, quer livremente se traduz” ser maior do que o outro.” Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do *nkali*. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. (ADICHIE, 2009,P.3)

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O material utilizado foi a serie produzida pela plataforma de streaming Netflix, “A vida e obra de Madame Cj walker” analisada em uma perspectiva histórica com o objetivo de trabalhar em sala de aula as temáticas retratadas na produção. Após assistir a série, foi feito o levantamento das questões debatidas em cada episódio da produção, após uma breve análise, foram utilizadas obras de relacionadas ao pós- abolição, racismo e história da mulheres, dentre elas estão presentes o livro *feminismo, raça e classe* escrito por Angela Davis, e *feminismo é pra todo mundo* por Bell hooks.

REFERENCIAL TEÓRICO

Fruto de um estudo decolonial que vai analisar a figura feminina pós abolição, optamos trabalhar com a obra de Bell Hooks, *o feminismo é pra todo mundo*, a autora pesquisa o Feminismo Negro e nos ajuda a pensar sobre as opressões do machismo e sexismo na sociedade e discute a importância de pensar nos Feminismos que abarcam a diferentes mulheres. Trabalhamos também com Angela Davis, *Mulheres raça e classe* que versa numa corrente interseccional aprofundando gênero, raça e classe produzindo uma relação de debate das construções institucionalizadas sobre o corpo feminino e também utilizamos como uma das bases do trabalho a obra *Quem tem medo do feminismo negro?* De Djamila Ribeiro, cientista política que fala deste feminismo negro numa perspectiva da desconstrução dos estigmas e práticas opressoras sofridas pelas mulheres negras.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

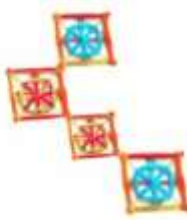
A série trás diversas temáticas acerca do povo negro e sua história nos EUA, aborda questões pós-abolição, como os empregos destinados a população negra, não havia muita opções eram normalmente trabalhos no campo, na casa de antigos senhores ou trabalhos domésticos como lavadeira, e os salários fornecidos eram baixos.

Depois de um quarto de século de “liberdade”, um grande número de mulheres negras ainda trabalhava no campo. Aquelas que conseguiram ir para a casa grande encontraram a porta trancada para novas oportunidades - a menos que preferissem, por exemplo, lavar roupas em casa para diversas famílias brancas- em vez de realizar, serviços domésticos realizados para uma única família branca. Apenas um número infinitesimal de mulheres negras conseguiu escapar do campo, da cozinha ou da lavanderia. (DAVIS, 2016, p.103)

O racismo e a “superioridade branca” também é outro debate que surge na série, a morte do personagem Sweetness, primo do advogado de Sarah, que é assassinado por um grupo de homens brancos. A produção fornece também discursões sobre colorismo, onde a tonalidade da pele negra determina lugares a serem ocupados por mulheres negras de pele mais clara e mulheres negras de pele escura, no momento em que Addie se nega a aceitar Sarah como uma de suas vendedoras, por ela não pertencer ao padrão de Addie, pele mais clara e cabelos cacheados, imagem mais próxima ao padrão feminino branco. O "privilégio" de ser uma negra com tom mais claro não está associado a um sentido positivo, mas sim, aos estupros dos senhores de engenhos, as escravas no período colonial, e a mãe de Addie são o retrato deste período tão sofrido, onde o estupro era utilizado com uma arma para intimidar. Havia uma hipersexualização do corpo da mulher negra muito grande, como que esta fosse moeda de troca e propriedade dos homens.

Mulheres negras eram submetidas ao jugo “dos donos”. Era comum que as escravas de pele mais clara, com traços mais próximos do que a branquitude propaga como belo, assumissem os postos na casa-grande. Seus corpos não eram vistos como propriedade delas, prestavam apenas para ser explorados em trabalhos servis exaustivos, além de serem depósitos de abuso sexual, humilhação, vexação e violência emocional constantes (RIBEIRO, 2018,p. 94.).

O género é um tema que esta presente constantemente na série, pois, Sarah é sempre questionada por estar ultrapassando os limites determinados para uma mulher, e devido a isso passa por diversos obstáculos. Dentre eles, de encontrar investidores para a sua empresa, tendo em vista que ninguém queria investir em uma negócio



administrado por um mulher. Outro momento que podemos citar é quando o esposo da Madame Cj Walker fala, “é a Sarah quem está ocupada. É a Sarah quem sempre está fora”. A ausência da Madame Cj e o espaço que ela esta conquistando incomoda seu esposo Cj, e isso esta relacionado aos espaços conferidos a mulheres e homens na sociedade. Enquanto o homem deveria está desfrutando da liberdade concedida por sua natureza biológica, a mulher precisa estar em casa realizando atividades ditas como femininas. “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseados nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p.21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de Madame CJ Walker é falar de uma grande mulher que batalhou muito pelas mulheres negras, tornando-se uma grande revolucionária no quesito de não desistir do que desejava e lutar por ela e pelo seu povo. Deixando que seu objetivo maior era " dar às mulheres feito nós, escolhas e liberdades". Ademais, apesar de todas as opressões sofridas por Sarah, seus objetivos foram alcançados, e junto com ela diversas mulheres negras conquistaram seu espaço em um mundo racista e sexista.

Palavras-chave: Feminismo negro; Pós-abolição, Racismo, Sexismo.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016
- HOOKS, Bell. **O feminismo é pra todo mundo**. Rio de janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- SCOTT. Joan. Gênero uma categoria útil para análise histórica. **Educação e realidade**. V.15,n.2. (71 - 99).1995
- FERNANDES, Danubia de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero feminismo e negritude. **Estudos feministas**. V. 24,n.3. (691- 713). 2016
- CONCEIÇÃO, Clara Mariana Neves da; LEITE, Perla de Souza; CRUZ, Raira Vieira da; CARMO, Carolina Ramos do. A interseccionalidade e o feminismo negro: as diversas formas de segregações a partir do colorismo. *In: 22 Semana de mobilização científica*. Salvador.2019. Disponível em: <http://ri.ucs.br:8080/jspui/bitstream/prefix/1266/3/A%20interseccionalidade%20e%20o%20feminismo%20negro%20As%20diversas%20formas%20de%20segrega%C3%A7%C3%B5es%20a%20partir%20do%20Colorismo.pdf> acesso em 7 de junho de 2020



NIKITIUKI, Sonia. **Repensando o ensino de história**. 7. Ed. Cortez, 1996.

NASCIMENTO, Giovana Xavier da Conceição. Os perigos dos negros brancos: cultura multa, classe e beleza eugênica no pós emancipação. **Revista brasileira de história**. São Paulo, V.35, n 69, p. 155 – 176, 2015.

SILVA, Tainan Maria Guimarães Silva. **O colorismo e suas bases históricas discriminatórias**. Disponível em:
<https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760> Acesso: 7 de junho de 2020

COLLINS, PATRÍCIA HILL. **O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso**. Cadernos pagu (51), 2017:e175118.

RIBEIRO, DJAMILA. **Quem tem medo do Feminismo Negro**. E-Livros. Companhia das Letras.

PERROT, MICHELLE. **Os excluídos da História**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1988.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 2009. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/adelia-a-poesia-e-a-vida-convite-para-o-3o-encontro-do-dialogos/o-perigo-de-uma-historia-unica-chimamanda-ngozi-adichie-pdf.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2020